

RUA GUIA LOPES



*Em memória de minha mãe,
Aparecida de Carvalho Ávila
(1922-2005), que por mais de 35
anos residiu na Rua Guia Lopes.*

José Antônio de Ávila Sacramento

Existe em São João del-Rei, no bairro Matosinhos, uma rua que leva o nome de Guia Lopes: é a primeira transversal à esquerda da Rua Sete de Setembro, no sentido de quem vai de São João para Santa Cruz de Minas. Apesar de ser pouco conhecida a razão da justa e merecida nomenclatura da rua, o nome tem razões de sobra para ser respeitado e preservado, assim como também o dos outros logradouros da terra são-joanense.

Neste sentido, eu relembro o saudoso Sebastião de Oliveira Cintra, que ao escrever o opúsculo "Nomenclatura de Ruas de São João del-Rei", citou o historiador carioca Vivaldo Coaracy (1882-1945) e o livro "Paquetá - Imagens de Ontem e de Hoje" (1965 - 2a edição, Livraria José Olympio Editora) que ele escreveu e traz importantes comentários sobre a nomenclatura da bela e celebrada Ilha dos Amores. A publicação de Coaracy, no prefácio da escritora Raquel de Queiroz, traz importantes considerações sobre a infeliz mania de se promover a substituição do nome de ruas, preceitos que carecem de ser bem assimilados também em São João del-Rei: "É bem conhecido o desrespeito que, em nossa terra, as autoridades municipais manifestam pela toponímia urbana. Nomes tradicionais de logradouros, muitas vezes representando o traço que na memória do povo deixou um fato, um costume, uma figura, são alterados e substituídos por outros de duvidosa significação e sob o pretexto de homenagear personagens algumas vezes de transitória atuação na vida local, quando não lhe sejam de todos estranhos. É por isso sempre interessante recordar e registrar as denominações antigas ou populares dos logradouros de uma comunidade. São designações que evocam imagens do passado."

E continua o notável Sebastião Cintra: "Em São João del-Rei, como em muitas cidades brasileiras, a maioria das ruas mudou de nome várias vezes, dificultando a pesquisa. Existem nomes, impostos por decretos, desacompanhados de fortes justificativas, que o povo assimila com dificuldade; no caso, os nomes antigos são sempre citados. Tomou-se, certa ocasião, a iniciativa de colocar em placas de ruas os nomes dos respeitáveis pais dos senhores vereadores da cidade. Para o cumprimento da condenável resolução houve, em alguns casos, a troca de nomes intocáveis."

Então, para que e por que motivo mudar nomes de ruas apenas para atender a modismos, para satisfazer aos políticos de plantão e agradar o eleitorado? Ora, os nomes de ruas são referências históricas e de exaltação da memória, são formalizados por lei; os nomes de quaisquer vias carregam importâncias referenciais e sentimentais que se perdem quando há mudanças e tais procedimentos interferem negativamente no processo de construção da memória coletiva d'uma cidade. Como as cidades crescem, há lastro para novas denominações de ruas nas regiões periféricas, e os lugares que hoje são considerados periferia, em poucos anos já não mais assim serão.

Fábio Nelson Guimarães, num opúsculo intitulado “Ruas de São João del-Rei”, assim se pronunciou ao prefaciar sua própria obra: “A rua representa a alma de uma cidade. O ser humano, quando não se encontra em sua casa, está caminhando em alguma rua, cumprindo o seu destino e, assim, convivendo com a mesma. São essas as duas almas do mundo. Então, a rua, como palco diário de uma representação humana, deve ser conhecida e explicada pelas gerações, e, como tal, amada. Por isso, o homem, carinhosamente, a batiza, denominando-a.”. Norteados por estas considerações de Fábio Guimarães e pelo princípio agostiniano de que “só se ama aquilo que se conhece”, tentarei fundamentar o motivo da denominação da rua que eu mencionei no início deste texto.

O “**Guia Lopes**” foi como ficou conhecido **José Francisco Lopes**, herói da dramática Retirada da Laguna, acontecimento que é considerado por muitos historiadores como “o mais terrível episódio da Guerra do Paraguai” (1864-1870). Lopes nasceu em São Roque de Minas/MG no dia 26 de fevereiro de 1811, numa época em que a cidade ainda era distrito de Piumhi (ou Piuí/Piunhi)¹; ele veio à luz na Fazenda Tamancas, a 6 km do centro da cidade sede do Município de São Roque de Minas, então desmembrado de Piumhi no ano de 1938. O novo município recebeu o nome de Guia Lopes, mas, depois, no ano de 1962, através de um plebiscito, voltou a ter a denominação São Roque de Minas.

No ano de 1847, depois de acompanhar o irmão Joaquim Francisco Lopes na exploração de uma rota fluvial do Paraná até o Sul de Mato Grosso, José Francisco Lopes transferiu-se com a família de Minas Gerais para o Estado de Mato Grosso, instalando-se numa área próxima ao Paraguai, a Fazenda Jardim, onde dedicou-se à pecuária extensiva num local isolado e ainda ocupado por indígenas; no início dos conflitos da Guerra do Paraguai, em 1864, após uma incursão das tropas de Francisco

¹ Etimologicamente, o topônimo “Piumhi” viria do tupi antigo *pi'um'y*, que significa “rio dos borrachudos” (*pi'um*, “mosquito borrachudo” e *y*, “rio”). Teodoro Sampaio, na sua obra “O Tupi na Geografia Nacional”, explicou que para se conseguir a etimologia de um topônimo deve-se verificar como o termo era grafado primitivamente nos mais antigos documentos, e em todos os documentos antigos, o nome do lugar e do rio figura como *Piauhy*. Tal variação linguística é descrita por Teodoro Sampaio como um “vício de linguagem” herdado das línguas indígenas, neste caso conclui-se que o primitivo *Piauhy* passou a *Piauim* e com o tempo originou o nome *Piumhi*, que se escreve com a letra “M” e contraria uma das normas da língua portuguesa (letra M somente antes P e B), mas a grafia foi oficializada desta forma através de lei estadual.

Solano Lopez no território brasileiro, foram sequestrados a esposa Dona Senhorinha Maria Conceição Barbosa Lopes e quatro filhos dele. Então, desejoso de resgatar a família, Lopes alistou-se voluntariamente para guiar as tropas brasileiras vindas do Rio de Janeiro que iniciavam uma ofensiva por terra ao território paraguaio; após a árdua caminhada ele chegou a disponibilizar o gado da família para alimentar os soldados

Assim, chefiadas por Carlos de Moraes Camisão e guiadas por Lopes que ganhou a confiança do coronel Camisão e tornou-se seu conselheiro, as tropas brasileiras penetraram em território paraguaio até Laguna, em abril do ano de 1867, mas, sem alimentos e vitimadas por cólera, tifo e beribéri, os soldados foram obrigados a fugir sob perseguição implacável dos paraguaios, e assim também fracassou o desejo dele de resgatar a família. Na fuga, o guia Lopes mostrou os caminhos aos soldados brasileiros, despistou os inimigos, impediu que todos retirantes fossem massacrados pelos paraguaios, graças ao seu grande senso de orientação, coragem, conhecimento de trilhas, de atalhos, do uso de plantas terapêuticas e das boas noções de primeiros socorros.

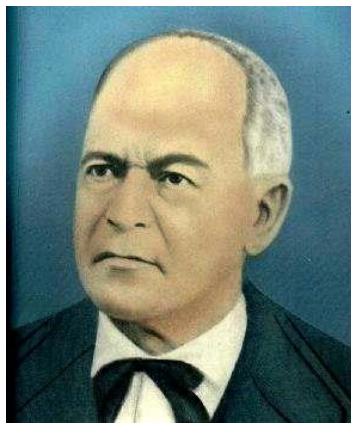
Eis que as tropas brasileiras (ou o que restava delas) foram novamente atingidas pelo cólera e Lopes também ficou doente; os registros do Exército evidenciam que ele teve comportamento heroico até o fim da vida: agonizante, ainda guiava a marcha, e para aqueles que recomendavam para se poupar, ele respondia que não poderia contrariar a missão que lhe estava reservada: "saibamos morrer; os sobreviventes dirão o que fizemos". O guia faleceu às margens do Rio Miranda no dia 27 de maio do ano de 1867, a cerca de meia légua de sua casa, e foi sepultado no lugar conhecido pelo nome de "Cemitério dos Heróis", hoje cidade de Jardim. Dos três mil soldados brasileiros, setecentos sobreviveram, mas poderia ter morrido todos eles se não fosse a ação do Guia Lopes. O nome Guia Lopes foi incorporado ao da cidade brasileira de Laguna, que então foi rebatizada com o topônimo de Guia Lopes da Laguna, atualmente no Estado do Mato Grosso do Sul; o município, juntamente com Bonito, Bodoquena e Jardim, integra o complexo turístico do Parque Nacional da Serra da Bodoquena.

Daqueles tristes episódios, Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay (1843-1899), que atuou com a Comissão de Engenheiros na Guerra do Paraguai, foi testemunha presencial e escreveu o livro "A Retirada da Laguna" (um épico às avessas, originalmente escrito em francês) e o general João Pereira de Oliveira também escreveu "Vultos e Fatos de Nossa História"; em ambas as obras há referências à importante atuação de José Francisco Lopes.

Em 1904, o major Cândido Mariano da Silva Rondon, em visita à Fazenda Jardim, registrou em relatório as homenagens que prestou aos heróis enterrados às margens do rio Miranda; em 1926, o General Alfredo Malan enviou um grupo de militares para realizar reparos no "Cemitério dos Heróis" e construir um túmulo para José Francisco Lopes; em 1931, o general Bertoldo Klinger, durante a realização de manobras militares no sul do Estado de Mato Grosso, também prestou homenagem no mesmo local, com algumas daquelas manobras usadas no filme "Alma do Brasil", produção cinematográfica cujo tema é a Retirada da Laguna. No fim da década de 1990, o tenente coronel aviador Arcelino Ricardo Almeida de Oliveira e o capitão

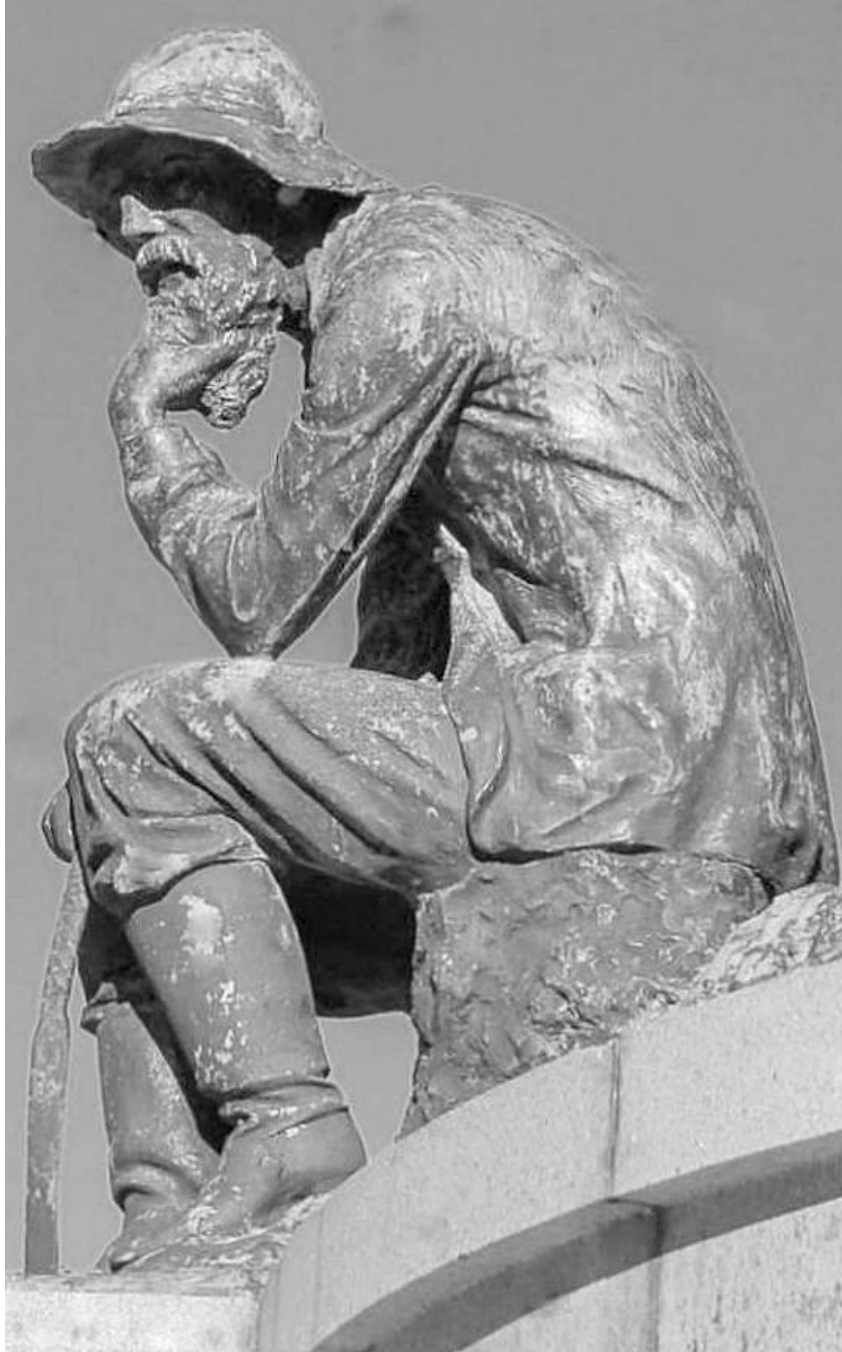
Krugerson Mattos mapearam locais por onde as tropas da Retirada da Laguna passou e idealizaram a reconstituição daquela marcha. Para guiar o grupo na jornada, Mattos produziu o que acredita ser o primeiro mapa da história da Retirada da Laguna, com o roteiro de ida e de volta. A impressão do militar é a de que “aqueles soldados comeram o pão que o diabo amassou e deram conta do recado. Deram um banho. Eles eram uns heróis, e quase que não aguentamos fazer de carro o que eles fizeram a pé”, afirmou Mattos que fez a maior parte da reconstituição através de jipe. Em 2013, o major Niedson de Carvalho Mendonça, então comandante da 4ª Cia E Cmb Mec, elaborou um projeto que serviu de base para a demarcação do itinerário da Retirada da Laguna, processo que constatou que a região sudoeste do Mato Grosso do Sul guarda vestígios importantes da Guerra do Paraguai nos monumentos espalhados no terreno e objetos encontrados por onde as tropas passaram.

Atualmente, os restos de José Francisco Lopes repousam no Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados², na Praça General Tibúrcio Ferreira de Souza, na Praia Vermelha, Bairro Urca, na cidade do Rio de Janeiro; o monumento foi inaugurado oficialmente em 29 de dezembro de 1938 e relembra os episódios da Retirada da Laguna e do Combate de Dourados, ocorridos na Guerra da Tríplice Aliança; os restos mortais (cinzas) do general Tibúrcio, do tenente Antônio João, do coronel Camisão e de outros estão depositados na cripta subterrânea, trasladados no ano de 1941. No monumento há figuras fundidas com o bronze dos antigos canhões utilizados na Guerra do Paraguai. Num dos lados do pedestal de granito que tem 15 metros de altura encontra-se a estátua em tamanho natural do Guia Lopes: sentado, pensativo, com uma mão no queixo e a outra segurando um chicote...



José Francisco Lopes
(reprodução de foto do ano de 1863)

² O Combate de Dourados foi o confronto entre uma guarnição brasileira de quinze homens e uma coluna paraguaia com 3500 soldados, travado no dia 29 de dezembro de 1864, na atual cidade de Antônio João, no Estado do Mato Grosso do Sul, durante a Guerra do Paraguai. À guarnição sob o comando do tenente Antônio João Ribeiro foi sitiada pelos paraguaios que ofereceram a oportunidade dele e seus soldados se renderem; o comandante brasileiro recusou a proposta: “sem ordem do governo imperial não me renderei de forma nenhuma. (...) Sei que morro, mas meu sangue e o dos meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria.”; então, morreram o tenente e os seus quatorze comandados.



Estátua em tamanho natural do **Guia Lopes** numa das laterais do Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, na cidade de Rio de Janeiro: sentado, pensativo, uma mão no queixo e outra segurando um chicote...